

## A COMUNICAÇÃO THE COMMUNICATION

**Obra:** *A Comunicação*.

**Autor:** Lucien Sfez. São Paulo: Martins, 2007.

**Resenhista:** Roberto Elísio dos Santos  
Pós-doutorado em Comunicação pela ECA-USP,  
professor da Universidade IMES e pesquisador do NECI.

Na atualidade, apesar da proliferação de meios de comunicação e da criação de novas tecnologias utilizadas em atos comunicacionais, ainda persistem os problemas que impedem a plena comunicação entre os seres humanos. E essas barreiras não apenas continuam, como ainda se aprofundam: em um mundo globalizado e altamente mediatizado, os discursos perdem seus sentidos, confundem-se; a profusão de signos gera uma cacofonia universal, um caos semiológico que embaralha mensagens e leva a um estado entrópico de incomunicação, que paralisa o ser humano.

Nesse contexto, quanto mais o ser humano se comunica, menos ele consegue se comunicar. Esse paradoxo é o ponto central da obra do filósofo francês Lucien Sfez, agora publicada no Brasil. Suas reflexões são de suma importância para o entendimento da comunicação na contemporaneidade. O texto erudito, muitas vezes complexo, parte do pensamento de autores clássicos (como Platão, Epicuro, Descartes e Spinoza, entre outros), percorre as teorias da comunicação (a visão funcionalista, a teoria da informação, a Escola de Paio Alto) e envereda pela inteligência artificial e pelas ciências cognitivas.

Sfez identificou duas concepções de comunicação (termo onipresente hoje, visto que "invade" todos os campos da vida, seja nas relações cotidianas, seja nas empresas ou no meio político): a **representativa** e a **expressiva**, às quais ele agrega a **confusional**. Cada uma delas se relaciona a uma metáfora fundadora, constitutiva do fenômeno comunicacional, que remete a três visões de mundo (a máquina, o organismo e o Frankenstein, respectivamente).

Na concepção representativa, é com a técnica que o homem realiza tarefas, sendo a máquina exterior ao homem. Aqui, o modelo funcionalista impera. Há um emissor que emite uma mensagem para um receptor, que a recebe e aceita. Trata-se de um modelo linear, no qual "sujeito e objeto permanecem separados e bem reais". Dessa forma, "a realidade é objetiva e universal, externa ao sujeito que a representa" (p. 65). O mundo pode ser apropriado e comunicado de um sujeito ao outro do processo. E o princípio da "bola de bilhar":

*Tudo se passa como se o mecanismo de ligação fosse simplicíssimo: como uma bola em um fliperama, Introduz-se a bola em um circuito (aqui chamado de "canal") e ela atinge seu alvo (o receptor), que, na ocasião, devolve a bola por meio de intermediários. Emissor, canal, receptor. Lá dentro, uma mensagem (p. 32).*

Já a comunicação expressiva baseia-se na idéia de organismo. **Em** um mundo feito de objetos técnicos, o ser humano precisa contar com a organização complexa das hierarquias às quais se submete. Nessa concepção, o sujeito receptor torna-se ativo e participa de forma decisiva do processo comunicacional. Segundo Sfez, nesse contexto:

*Aqui, deixa de existir envio, de parte de um sujeito emissor, de uma mensagem calculável a um objeto receptor. A comunicação é inserção de um sujeito complexo num ambiente propriamente complexo. O sujeito faz parte do meio e o meio, do sujeito (p. 105).*

Mas foi na terceira concepção de comunicação que Sfez detalhou sua crítica ao contexto atual dos processos técnicos comunicativos, às teorias que pretendem explicá-lo e a uma determinada ciência cognitiva que busca "um conhecimento do conhecimento se conhecendo" (p. 133). À sociedade atual o autor atribuiu a metáfora de Frankenstein - indicando o momento em que a criatura (técnica) volta-se contra seu criador (o ser humano), anulando-o - e o conceito de "tautismo" - neologismo que "condensa totalidade, autismo e tautologia" (p. 142).

Na sociedade Frankenstein, o "sujeito só existe **por** meio do objeto técnico que lhe determina seus limites e lhe atribui qualidades. A tecnologia é o discurso da essência. Ela diz tudo sobre o homem e sobre seu futuro" (p. 28). Nessa situação, sujeito e objeto, produtor e produto se confundem, há uma perda da realidade, do sentido, da identidade. Daí, a confusão atual. Para Sfez, a comunicação:

*(...) não passa de repetição imperturbável do mesmo (tautologia) no silêncio de um sujeito morto, ou surdo-mudo, encerrado em sua fortaleza interior (autismo), captado por um grande Todo que engloba e dissolve até o menor de seus átomos paradoxais. (...) A comunicação se faz aqui de si a si mesma, mas de um si diluído em um todo. Essa comunicação é, portanto, de um não-si a um não-si-mesmo (p. 141-142).*

A solução, para o filósofo francês, encontra-se na interpretação. Para ele:

*Se a interpretação é parte integrante da comunicação e se, por outro lado, referimos essa interpretação à função simbólica, à medida que ela lê e liga os signos entre si pela mediação de símbolos interpretantes, devemos reconhecer que ela se situa no lado oposto ao da confusão tautística (p. 147).*

No cerne da reflexão de Sfez, encontra-se uma possível chave para diagnosticar e superar a crescente entropia comunicacional que vem se avolumando desde o final do século XX, quando as mensagens passaram a se anular e o ser humano a confundir-se com as tecnologias que deveriam estar a serviço de uma comunicação mais efici-

ente. Ao eleger a interpretação para fazer frente ao "tautismo" que imobiliza o receptor, ele recolocou o ser humano no centro do processo comunicativo como um sujeito ativo, aquele que dá sentido às mensagens, que produz, descarta e emite conteúdos simbólicos que expressam sua própria apreensão do mundo.

# Anúncio